



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS-CCHL
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

GEYSA CATARINA FERNANDES ARAÚJO

ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NAS CHARGES DE
JEAN GALVÃO

TERESINA

2025

GEYSA CATARINA FERNANDES ARAÚJO

**ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NAS CHARGES DE
JEAN GALVÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras -Português, Universidade Estadual do Piauí - Campus Poeta Torquato Neto, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras-Português.

Orientador: Professor Dr. Franklin de Oliveira Silva.

TERESINA

2025

A658a Araújo, Geysa Catarina Fernandes.

Análise das relações intertextuais nas charges de Jean Galvão / Geysa Catarina Fernandes Araújo. – 2025.

33 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade Estadual do Piauí-UESPI, *Campus* Poeta Torquato Neto, Licenciatura Plena em Letras - Português, Teresina-PI, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. Franklin de Oliveira Silva.”

1. Intertextualidade. 2. Linguística Textual. 3. Charge. 4. Conselho Tutelar. 5. Redes Sociais. I. Silva, Franklin de Oliveira Silva. II. Título.


CDD: 410

ATA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco, às 15h, na sala do google meet, na presença da Banca Examinadora, presidida pelo(a) Professor(a) orientador(a) Dr(a). **Franklin Oliveira Silva** composta pelos seguintes membros: 1) Professor(a) Ma. **_Francisca Silveline Pereira da Silva_2**) Professor(a) **Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres_**, o(a)aluno(a) **_Geysa Catarina Fernandes Araújo** apresentou o Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Português, como elemento curricular indispensável à colação de grau, tendo como título: **ANÁLISE DAS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NAS CHARGES DE JEAN GALVÃO**. A Banca Examinadora, reunida em sessão reservada, deliberou e decidiu pelo resultado (**Aprovada**) nota **_oito e meio_(_8,5)**, ora formalmente divulgado a(o) aluno(a) e aos demais participantes, e eu, Professor (a). **Franklin Oliveira Silva**, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos demais membros e pelo(a) aluno(a).


Teresina-PI, 18 de julho de 2025.

Prof(a). Dr(a). Franklin Oliveira Silva (UESPI)

Documento assinado digitalmente
 **FRANKLIN OLIVEIRA SILVA**
Data: 18/07/2025 16:04:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Bruna Rodrigues da Silva Neres (UESPI)

Documento assinado digitalmente
 **BRUNA RODRIGUES DA SILVA NERES**
Data: 18/07/2025 17:02:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


(1ª Examinador)

Prof(a). Me.(a). Francisca Silveline Pereira da Silva

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCA SILVELINE PEREIRA DA SILVA**
Data: 18/07/2025 16:15:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(2ª Examinador)

Geysa Catarina Fernandes Araújo

Documento assinado digitalmente
 **GEYSA CATARINA FERNANDES ARAUJO**
Data: 23/07/2025 10:56:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Discente)

AGRADECIMENTOS

Exponho minha profunda gratidão a todos os meus professores do curso de Letras – Português, em especial ao meu orientador, o professor Dr. Franklin Oliveira Silva, pessoa a qual possuo grande admiração e que sempre se mostrou bastante receptivo para me esclarecer quaisquer dúvidas. O professor Franklin, com seu jeito alegre de ser e apaixonado por sua profissão e área de atuação, ensina com tanta leveza que nos encanta a cada conhecimento que transmite e nos inspira a seguirmos cada vez mais em busca de novos conhecimentos.

Sem a sua orientação e incentivo, jamais teria conseguido realizar este trabalho. Expandindo esse profundo sentimento de gratidão também à minha professora da disciplina de TCC, professora Bruna Rodrigues, que esteve sempre ao meu lado nessa etapa, exalando palavras amigas, de empatia e de encorajamento, mostrando sempre que era possível finalizar essa fase da minha formação acadêmica. Ao professor Silvino que tive a felicidade de conhecer no período em que retornei ao curso e que foi bastante gentil ao me auxiliar no meu processo de reintegração e ao me motivar a seguir em frente depois da formação, em uma jornada em busca de mais conhecimentos e da concretização dos meus sonhos. Agradeço a Deus, por ter estado comigo, iluminando minha mente em cada palavra e cada frase desse trabalho e por ter me emanado coragem para não desistir.

Não poderia deixar de agradecer às pessoas que são partes essenciais de mim e a quem dedico esse trabalho: a toda minha família! Em primeiro lugar, à minha mãe, que sempre acreditou no meu potencial e deixou isso bem claro para mim, principalmente nos momentos mais importantes, em que me senti desacreditada. Ela sempre esteve ao meu lado, transmitindo confiança e calma para prosseguir em busca dos meus sonhos. Ao meu tio Francisco e à minha tia Lauriane, pelo apoio fundamental na conclusão desta monografia. À minha avó Graça, que além de avó, é como uma segunda mãe para mim. À minha Tia Najara, que me auxiliou em todo o processo de escrita do TCC, mesmo sem ter conhecimento algum sobre o meu tema e possuindo formação em outra área totalmente divergente da minha. Nunca mediu esforços para pesquisar e se aventurar comigo sobre o universo da intertextualidade e das charges. Obrigada, tia! À minha tia Lurdes, que foi conforto em momentos difíceis, e a Deus, que esteve e está sempre comigo, sendo minha fortaleza.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as relações intertextuais, com ênfase nas alusões amplas, presentes em charges do cartunista Jean Galvão, à luz da Linguística Textual. A pesquisa insere-se no campo dos estudos discursivos e da leitura crítica, partindo do pressuposto de que a charge, enquanto gênero multimodal e opinativo, utiliza o interdiscurso e a memória discursiva para ativar conhecimentos compartilhados socialmente e construir significados implícitos. A fundamentação teórica apoia-se principalmente em Cavalcante (2021), para tratar da noção de texto e das categorias de intertextualidade, e em Carvalho (2018), com sua proposta classificatória, que amplia os estudos a respeito da intertextualidade. A abordagem metodológica é qualitativa e interpretativa, baseada na análise documental de quatro charges publicadas no jornal Folha de S. Paulo. Os resultados demonstram que as intertextualidades amplas e estritas, especialmente a alusão estrita e ampla, a citação e a paródia, intensificam a crítica e a ironia das charges, exigindo do leitor competência interpretativa para compreender os sentidos implícitos. Conclui-se que a intertextualidade é um recurso discursivo relevante para a construção da crítica social nas charges, reforçando seu papel na formação de leitores críticos e na mediação entre linguagem e sociedade.

Palavras-chave: intertextualidade; linguística textual; charges.

ABSTRACT

This paper aims to analyze intertextual relations, with an emphasis on broad allusions, present in cartoons by cartoonist Jean Galvão, using Textual Linguistics as a framework. The research falls within the field of discursive studies and critical reading, based on the assumption that cartoons, as a multimodal and opinionated genre, utilize interdiscourse and discursive memory to activate socially shared knowledge and construct implicit meanings. The theoretical foundation is based primarily on Cavalcante (2021), which addresses the notion of text and the categories of intertextuality, and on Carvalho (2018), with his classificatory proposal. The methodological approach is qualitative and interpretative, based on the documentary analysis of four cartoons published in the *Folha de S.Paulo* newspaper. The results demonstrate that broad and narrow intertextuality, especially narrow and broad allusion, quotation, and parody, intensify the criticism and irony of cartoons, requiring readers to possess interpretative skills to understand the implicit meanings. We conclude that intertextuality is a relevant discursive resource for constructing social critique in cartoons, reinforcing its role in developing critical readers and mediating between language and society.

Keywords: intertextuality; textual linguistics; cartoons.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas	17
Figura 2 – Charge sobre evasão escolar	22
Figura 3 – Charge sobre IA nas escolas de São Paulo	24
Figura 4 – Charge sobre enchentes no Rio Grande do Sul.....	25
Figura 5 – Charge sobre o Oscar	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	DEFINIÇÃO DE TEXTO E DE GÊNEROS TEXTUAIS.....	10
3	O GÊNERO CHARGE	13
4	INTERTEXTUALIDADE.....	15
4.1	Relações intertextuais por copresença e derivação.....	15
4.2	Intertextualidades estritas e amplas	17
5	METODOLOGIA.....	20
5.1	Natureza da pesquisa	20
5.2	Procedimentos de coleta e análise de dados	20
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

A charge, enquanto gênero discursivo de natureza opinativa, destaca-se por sua capacidade de condensar, por meio de linguagem verbal e não verbal, uma crítica social, política ou cultural. Seu caráter híbrido permite o diálogo entre diferentes formas de linguagem e referências intertextuais, configurando-se como um texto multimodal que mobiliza o leitor para além da literalidade. Ao fazer uso do humor, da ironia e de alusões a fatos conhecidos, a charge assume um papel importante na mediação crítica entre o sujeito e o contexto social.

A relevância de se estudar a charge reside justamente na sua função de espelho da sociedade, ao representar comportamentos, ideologias e acontecimentos que marcaram determinada época. Por isso, compreender os mecanismos discursivos que operam na construção dos sentidos nas charges torna-se essencial para a formação de leitores críticos e para o entendimento das estratégias de comunicação e persuasão utilizadas nesse tipo de texto. Este trabalho parte do pressuposto de que a intertextualidade, especialmente em sua forma ampla, desempenha papel decisivo na construção dos efeitos de sentido nas charges, e que o reconhecimento dessas referências exige do leitor conhecimentos prévios e competência discursiva. Isso nos leva à seguinte indagação: como a intertextualidade, em suas diferentes manifestações, atua na construção da crítica presente nas charges de Jean Galvão?

Diante disso, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a presença e o funcionamento da intertextualidade, tanto em sua forma estrita quanto ampla, em charges do cartunista Jean Galvão, publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*. De forma específica busca-se identificar de que modo esses recursos intertextuais contribuem para a produção de sentido e para a construção de uma crítica social e política no discurso visual do humor gráfico. A escolha de Jean Galvão se justifica por sua relevância no cenário das charges brasileiras, marcada por um uso recorrente de alusões que dialogam com diferentes esferas culturais, históricas e midiáticas. Além disso, seu trabalho se distingue pela ironia equilibrada com a crítica social direta, pela combinação expressiva entre texto verbal e elementos visuais e pela capacidade de condensar contextos complexos em composições de leitura rápida. Essas características o tornam um autor pertinente para investigar as manifestações e funções da intertextualidade no gênero.

Para fundamentar essa investigação, recorre-se aos aportes teóricos da Linguística Textual (LT), especialmente nas contribuições de Cavalcante (2021) para abordar a noção de texto; Cavalcante (2021) e Carvalho (2018) para apresentar as relações intertextuais. Complementam-se as discussões com autores que abordam especificamente o gênero charge, como Teixeira (2001, 2005), Romualdo (2000), Matias, Moura e Maia (2017), e Bazerman (2006), no que tange à intertextualidade e suas diferentes manifestações.

A metodologia adotada é de cunho qualitativo e interpretativo, com base em análise documental. Foram selecionadas três charges de Jean Galvão, escolhidas por sua relevância temática e recorrência de intertextualidade, particularmente no contexto de campanhas eleitorais. A análise das imagens se baseia na articulação entre texto e contexto, considerando os elementos verbais e visuais que compõem o discurso da charge. Com isso, trata-se de uma análise interpretativa, orientada pelos princípios da LT, voltada à compreensão dos sentidos implícitos construídos pelas relações intertextuais, em articulação com o contexto sociopolítico em que as charges circulam.

A estrutura deste trabalho organiza-se da seguinte forma: temos a introdução, esta que apresento; em seguida, o capítulo 2, que traz um panorama teórico sobre os gêneros discursivos, com ênfase na charge e na intertextualidade. No capítulo 3, detalha-se a metodologia utilizada e o corpus analisado. No capítulo 4, são realizadas as análises das charges, articulando teoria e prática. Por fim, as considerações finais, destacando os principais achados e possíveis desdobramentos da pesquisa.

2 DEFINIÇÃO DE TEXTO E DE GÊNEROS TEXTUAIS

Segundo Cavalcante (2021, p. 21), o texto pode ser entendido como:

[...] uma unidade de linguagem dotada de sentido e que cumpre um propósito comunicativo direcionado a um certo público, numa situação específica de uso, dentro de uma determinada época, em uma dada cultura em que se situam os participantes desta enunciação.

Ou seja, podemos encarar o texto como toda e qualquer linguagem, seja ela verbal ou não verbal, que possua sentido e uma finalidade específica. Os textos fazem parte de nossa vida diária e se encontram em todo lugar, desde as embalagens dos nossos alimentos até os textos que circulam no nosso smartphone. Também produzimos textos na escola e fora do contexto educacional, justamente porque a linguagem é inata ao ser humano.

No decorrer dos estudos no campo da Linguística Textual, o texto foi analisado de diferentes maneiras, mas Cavalcante (2021), elenca três principais modos de conceber o texto:

O 1º modo analisa o texto como um artefato lógico do pensamento. Para Cavalcante (2021, p. 18) “[...] o texto era concebido como um mero artefato lógico do pensamento do autor.” Ou seja, o leitor tinha que identificar os propósitos do autor.

o 2º modo enxerga o texto como decodificação das ideias, ou seja, o texto é visto como “um produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo ouvinte, bastando para sua compreensão, apenas o domínio do código linguístico (conjunto de estruturas da língua)” (Cavalcante, 2021, p. 18).

O 3º modo é frequentemente utilizado e percebe o texto como um processo de interação. Diferentemente do segundo módulo, que concebia o texto como mera decodificação de ideias, o texto passa a ser analisado sob a ótica interacional, em que os falantes “[...] são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para construção dos sentidos e das referências dos textos” (Cavalcante, 2021, p. 19).

Portanto, os textos, de acordo com sua finalidade comunicativa, podem ser classificados em diversos gêneros. Nesse sentido, é importante compreendermos o conceito de gêneros textuais, que segundo Swales (1990, p. 33) é entendido como:

[...] gênero é usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. Ou seja, os gêneros textuais são os diversos textos que utilizamos no dia a dia para nos comunicarmos. Alguns exemplos de gêneros textuais são: crônica, artigo de opinião, notícias, charges etc.

Ou seja, os gêneros textuais correspondem às diferentes formas de comunicação presentes em nosso cotidiano, como crônicas, artigos de opinião, notícias, charges, entre outros. Essa variedade mostra como os gêneros estão diretamente ligados às necessidades sociais e comunicativas. Além disso, exercem grande influência na sociedade, como afirma Marcuschi (2011, p. 161):

[...] os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se dizer que os gêneros textuais são nossas formas de inserção, ação e controle social no dia a dia.

Isto é, os gêneros textuais dominam as nossas práticas diárias exercendo controle sobre elas e estabelecendo nossa inserção na sociedade.

Todo gênero textual para se estabelecer precisa de um suporte, o suporte nada mais é do que o local em que o gênero se encontra. Como bem explica Marcuschi (2011, p. 174):

[...] um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode-se dizer que o suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.

A citação de Marcuschi (2011) mostra que o suporte é parte fundamental do gênero textual, pois é nele que o texto se materializa e adquire condições específicas de circulação e leitura. No caso das charges de Jean Galvão, o jornal *Folha de S. Paulo* atua como suporte que influencia o formato, a periodicidade, o alcance e o contexto de recepção da crítica construída pelo autor. Há dois tipos de suportes: os suportes convencionais e os não convencionais, que segundo Marcuschi (2011, p. 178):

[...] são típicos ou característicos, produzidos para essa finalidade e os suportes incidentais são meios casuais que emergem em situações especiais e até mesmo corriqueiras, mas que não são convencionais. Exemplos de suporte convencional sendo livro, jornal, revista, rádio, televisão, outdoor, etc. Como suporte não convencionais temos como exemplo: embalagem, roupas, corpo humano, muros, etc.

A partir dessa distinção, percebe-se que o tipo de suporte influencia diretamente a produção, a circulação e a interpretação dos gêneros textuais. No caso das charges analisadas, o uso de um suporte convencional garante veiculação periódica, direcionada a um público específico e inserida em um contexto jornalístico, o que potencializa tanto o efeito crítico quanto a relevância social dessas produções.

Na seção seguinte, será discutido o gênero charge, amplamente utilizado pelos veículos de comunicação. Buscaremos compreender melhor sua estrutura e finalidade.

3 O GÊNERO CHARGE

Segundo Flores (2002, p. 14) “[...] a charge é um texto usualmente publicado em jornais, sendo via de regra constituído por quadro único”. Muitos jornais têm uma seção específica somente para o gênero e as publicações são feitas diariamente, como é o caso do jornal *Folha de S.Paulo*. Porém, antigamente as ilustrações não possuíam espaços nos jornais, elas só ganharam presença segundo Romualdo (2000, p. 21) “[...] devido a fatores como o aperfeiçoamento nas técnicas de reprodução e a propensão do público a consumir jornais ilustrados.”

A maioria das charges é composta apenas por imagens, porém, há charges que apresentam além de código visual, linguagem verbal. Os códigos verbais aparecem nas charges para situar o leitor sobre o acontecimento destacado. Eles podem se apresentar nas falas ou nas legendas. Isto é, a charge é composta por elementos verbais (textos ou frases) e não verbais (figuras), que juntos contribuem para a construção do humor e da crítica.

Com relação às falas, Romualdo (2000, p. 40) explica que:

[...] existem dois tipos de balões para representar a fala dos personagens: ‘o balão - fala: mais comum, com contorno bem nítido e contínuo. O apêndice sai da boca do falante em forma de seta.’ ‘O Balão pensamento’ - neste a linha de contorno é irregular, ondulada, quebrada ou de pequenos arcos ligados. O apêndice, formado por pequenas bolas ou nuvenzinhas, sai do alto da cabeça do pensante.

Os autores destacam que há uma variedade de tipos de balões utilizados pelos chargistas, porém, isso não implica na interpretação das charges, tendo em vista que os leitores focalizam no conteúdo transmitido.

Além da linguagem verbal, a charge apresenta também o visual que se manifesta através das caricaturas. Segundo Romualdo (2000, p. 38): “a palavra caricatura surgiu na Itália, na segunda metade do século XVII, originando-se do verbo *caricare* que significa carregar, acentuar, sublinhar”. Assim, os chargistas por meio do exagero exprimido pela caricatura, conseguem transmitir as informações desejadas.

Porém, para que os leitores consigam compreender a ideia que os chargistas quiseram transmitir, é necessário que o leitor esteja atualizado sobre o tema e o contexto. Pois como afirma Romualdo (2000, p. 38- 39):

A imagem da expressão fisionômica do caricaturado possibilita ao leitor uma perfeita união da caricatura presente na charge com o seu referente. Mas, para que essa identificação ocorra, o leitor deve conhecer a personalidade caricaturada, ou mesmo o fato político a que se refere a charge.

Por fim, temos outro recurso muito presente nas charges, o humor, que de acordo com Ziraldo (1970): “o humor é a atividade ligada a criação da criação do riso”.

Porém, apesar do humor ser um recurso muito recorrente nas charges, é importante salientar que ele não é item obrigatório do gênero, pois uma das finalidades do gênero charge é trazer reflexão sobre determinado assunto, por isso é de extrema importância que o leitor além de compreender a mensagem passada pela charge, entenda as características que a compõem.

Em entrevista para a FecomercioSP, o cartunista Jean Galvão destaca que “o que acontece hoje é que as pessoas, elas estão pouco educadas com relação a interpretar uma imagem” (Um Brasil..., 2018). Isso se relaciona diretamente ao contexto atual de polarização nas mídias sociais, em que as informações são transmitidas e processadas de forma muito rápida. Soma-se a isso a compreensão errônea de que um texto se limita apenas ao escrito e a ausência do ensino sistemático de interpretação de textos não verbais, fatores que corroboram para a falta de compreensão ou a mesmo interpretação equivocada das charges por parte dos leitores.

Outro recurso utilizado nas charges é a intertextualidade, como explica Matias, Moura e Maia (2017, p. 247):

[...] se fizermos uma análise de uma charge mesmo que de forma superficial, é possível identificarmos informações que fazem com que esse texto estabeleça conexões textuais com outros textos, numa clara relação de intertextualidade. Algumas pistas desses textos são sinalizadas através dos elementos multimodais, seja na caricatura, nos objetos, nos gestos, nas cores.

Como observado pelas autoras a intertextualidade é um recurso frequentemente utilizado, por isso cabe uma melhor compreensão sobre o tema que será detalhado na próxima seção.

4 INTERTEXTUALIDADE

O termo intertextualidade foi introduzido pela crítica literária e linguista francesa Julia Kristeva, que afirma que “[...] todo texto é um mosaico de citações de outros textos”. Desse modo, nenhum texto é completamente autônomo, pois todos se constroem a partir de outros.

Posteriormente, outros estudiosos passaram a estudar as relações intertextuais, sendo eles o crítico literário francês Gérard Genette e a crítica literária Nathalie Piegay-Gros. Genette realizou um estudo a respeito da intertextualidade no âmbito da literatura e Piegay-Gros faz uma reorganização desses estudos também relacionando-os à literatura.

Os estudos resultaram em uma divisão dessas relações, são elas relações intertextuais por copresença e relações intertextuais por derivação. Em cada uma dessas relações, há os tipos de ocorrência da intertextualidade. Nas relações por copresença encontra-se a citação, a referência, o plágio e a alusão. Já nas relações de derivação há a paródia, o travestismo burlesco e o pastiche.

4.1 Relações intertextuais por copresença e derivação

As relações por copresença de acordo com Cavalcante (2021, p.147):

[...] são aquelas em que é possível perceber, por meio de distintos níveis de evidência, a presença de fragmentos de textos previamente produzidos, os quais são encontrados em outros textos.

Isto significa que nessas relações podemos verificar as partes dos textos que foram utilizadas como fonte.

Já as relações por copresença estão divididas em: citação, alusão, plágio e referência. Segundo Cavalcante (2021, p.147):

[...] a citação é o tipo de intertextualidade que mais costuma vir assinalada por sinais tipográficos diversos (como aspas, recuo de margem, itálico, diminuição de fonte, etc), que demarcam uma fronteira entre o trecho citado e o texto em que ela se encontra.

Isto é, a citação sempre vem acompanhada por aspas, para indicar qual teórico é o responsável por tal citação. Enquanto “a alusão é uma espécie de referenciação

indireta, como uma retomada implícita, uma sinalização para o coenunciador de que, pelas orientações deixadas no texto, ele deve apelar à memória para encontrar o referente não dito” (Cavalcante, 2021, p. 152). Ou seja, a alusão é um tipo de intertextualidade que faz referência a um ou mais textos-fontes, de forma implícita e para que haja compreensão, o leitor tem que possuir conhecimento sobre o tema.

“O plágio é a apropriação indevida do texto alheio de forma que o plagiário assume como sua a autoria do texto de outrem” (Cavalcante, 2021, p. 149). Isto é, no plágio o indivíduo se apodera do texto de outro, afirmando ser o autor.

Já “a referência diz respeito ao processo de remissão a outro texto sem, necessariamente, haver citação de um trecho” (Cavalcante, 2021, p. 150). Isso significa que, na referência, há um apontamento para outro texto relacionado à temática abordada, cabendo ao leitor, com seu conhecimento de mundo, identificar essas relações.

“As relações intertextuais por derivação, acontecem quando um texto deriva de outro previamente existente” (Cavalcante, 2021, p. 155). Há cinco tipos de relações por derivação, são elas: paródia, pastiche, travestimento burlesco, paráfrase e o détournement.

Segundo Cavalcante (2021, p. 155), a paródia é um tipo de intertextualidade em que ocorre a modificação de um texto, na busca de se alcançar um novo propósito comunicativo. Enquanto na paródia há a transformação de um texto fonte de forma íntegra, no détournement um subtipo da paródia a modificação ocorre apenas em textos curtos, como por exemplo: provérbios, frases feitas etc.

Outro tipo de relação intertextual é o travestimento burlesco que segundo Piégay-Gros (1996, p. 56-57) é baseado “[...] na reescritura de um estilo a partir de uma obra cujo conteúdo é conservado”. Ou seja, no travestimento burlesco as informações são preservadas, mas a estrutura e o estilo são modificados com o objetivo humorístico.

Diferentemente da paródia e do détournement em que ocorre a transformação dos textos, no pastiche, outro tipo de relação intertextual por derivação, ocorre a imitação do estilo de um autor.

Para finalizar as relações intertextuais por derivação, temos a paráfrase que segundo Sant’Anna (1988 apud Cavalcante, 2021, p. 167) “se caracteriza por ser uma repetição de outro texto, com o objetivo de esclarecê-lo, com a utilização de palavras

próprias do autor do texto ‘atual’”. Dessa forma, na paráfrase ocorre a utilização de um texto com a finalidade de explicá-lo com as palavras do autor atual.

Este panorama sobre os estudos de intertextualidade foi atualizado com a tese de doutorado de Ana Paula de Carvalho (2018) que propôs uma reorganização e ampliação dessa classificação. Na seção seguinte, apresentamos essa proposta que será adotada em nossa metodologia.

4.2 Intertextualidades estritas e amplas

Como foi mencionado no capítulo anterior, as relações intertextuais passaram a ser vistas sob outra ótica depois do trabalho de Carvalho (2018), em que as intertextualidades que antes eram divididas em relações de copresença e derivação, foram reagrupadas em intertextualidades estritas e amplas. Conforme podemos analisar no esquema a seguir, elaborado por Carvalho (2018):

Figura 1 – Classificação das intertextualidades estritas e amplas



Fonte: Carvalho (2018).

Cabe a partir disso compreendermos o conceito de intertextualidade estritas e amplas. Segundo Ana Paula de Carvalho (2018) as relações intertextuais estritas são aquelas em que é possível se identificar o texto fonte e podem ser subdivididas em relações por copresença e derivação. Já no que diz respeito às relações intertextuais amplas, são aquelas caracterizadas por não se referirem a um texto fonte específico, mas vários.

Como podemos observar na Figura 1 classificação das intertextualidades estritas e amplas, as intertextualidades estritas se dividem em relações por

copresença e derivação. Cabe analisarmos primeiramente as intertextualidades por copresença que em consonância com Carvalho (2018), elas são classificadas em citação literal, parafraseamento de conteúdos, e alusão. De acordo com Carvalho (2018, p. 85) a citação, que pode vir com ou sem referência “[...] é a ocorrência intertextual geralmente mais explícita marcada por verbo dicendi, dois pontos, aspas, itálico, recuo de margem, fonte reduzida e sempre literal”. Ou seja, é uma relação que geralmente vem acompanhada de um sinal tipográfico para evidenciar a qual autor, teórico se refere. Porém, Carvalho (2018) afirma que há casos que mesmo sem a presença dos sinais tipográficos, ainda podem ser caracterizados como citação, por apresentarem elementos amplamente conhecidos, como exemplo temos a bíblia, onde muitos sermões são retomados, mas por serem conhecidos por toda a sociedade, não precisam vir acompanhados de sinais tipográficos.

Outra relação intertextual é a alusão estrita que segundo Carvalho (2018, p. 86) se dá por “insinuações, menções indiretas”. Assim, na alusão estrita é retomado um texto, mas, não em sua forma original, mas por meio de alterações no texto ou menção ao título, personagens e autor do texto-fonte. É válido ressaltar que a alusão pode apresentar vários objetivos, mas os principais são finalidades humorísticas ou crítico apreciaria.

Mais um subtipo indicado por Carvalho (2018) é a paráfrase, que se caracteriza pela reformulação de um trecho do texto-fonte, sem modificações no conteúdo.

Ademais, Carvalho (2018) pontua a respeito de outros subtipos que fazem parte das intertextualidades estritas, as relações de derivação onde um texto tem origem em outro texto inteiro. Esse subtipo é composto por: paródia, transposição e metatextualidade.

A paródia diz respeito à transformação de forma, conteúdo e finalidades de um texto fonte. Outra relação por derivação é a transposição, nessa categoria ocorre a modificação de um texto em outro, porém sem a presença da finalidade humorística.

A última relação intertextual por derivação apresentada por Carvalho (2018) é a metatextualidade, que pode ser entendida como a relação que um texto estabelece com outro, com o objetivo de comentá-lo.

Carvalho (2018) definiu que além das intertextualidades estritas, existem as amplas, que são caracterizadas por relações que ocorrem quando um texto se origina de vários textos que foram amplamente divulgados.

Segundo Carvalho (2018, p. 98), essa categoria de intertextualidade pode se dar de três formas: “1°) pela imitação de parâmetros de gênero, 2°) pela imitação do estilo de autor e 3°) pelas alusões a textos não particulares.”

A 01° forma, em que se dá a imitação de parâmetros de gênero, se refere a retomada não de um texto fonte em especial, mas de gêneros, o que diz respeito a vários textos. Como exemplo disso temos na literatura a *Ilíada* e a *Odisseia*, caracterizados por seguirem um padrão de poemas épicos.

A 02° forma, que acontece pela imitação do estilo do autor, diz respeito segundo Carvalho (2018) “[...] ao conjunto de particularidades discursivas e textuais, que cria uma imagem do autor, que é o que denominamos efeito de individualidade”. Ou seja, na imitação de estilo de autor há traços na escrita que indicam a qual elemento está se referindo.

A 03° e última forma de intertextualidade ampla definida por Carvalho (2018), é a alusão ampla, que se dá quando um texto se refere a vários textos, ao invés de um em específico, como ocorre nas intertextualidades estritas.

Sendo esse reagrupamento realizado por Carvalho (2018) de extrema relevância no âmbito dos estudos sobre intertextualidade, adotamos essa base teórica na nossa pesquisa, no que diz respeito à análise minuciosa do nosso corpus.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa, com o objetivo de analisar as relações intertextuais, sobretudo as alusões amplas, nas charges do cartunista Jean Galvão, à luz das categorias propostas por Carvalho (2018) e Cavalcante (2021). Serão descritas a natureza da pesquisa, a definição do corpus e os procedimentos adotados para a análise dos dados, conforme os objetivos propostos.

5.1 Natureza da pesquisa

Adotamos uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e documental, por considerarmos que a análise das relações intertextuais nas charges exige um olhar interpretativo, atento aos efeitos de sentido construídos por meio de recursos linguísticos e visuais. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a pesquisa qualitativa é voltada à compreensão de fenômenos complexos e subjetivos, priorizando a interpretação e a significação dos dados. Já o caráter exploratório, conforme Gil (2010), visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais claro e fundamentado teoricamente.

Além disso, trata-se também de uma pesquisa documental, pois utiliza como fonte de análise charges publicadas em meio jornalístico, enquanto textos multimodais que articulam linguagem verbal e visual. O estudo não busca generalizações, mas sim a compreensão de aspectos específicos do discurso intertextual no gênero charge, a partir das categorias propostas por Carvalho (2018) e Cavalcante (2021).

5.2 Procedimentos de coleta e análise de dados

O corpus foi delimitado a partir de charges publicadas entre janeiro e junho de 2024, período marcado por debates políticos e pré-campanhas eleitorais, o que intensificou o uso de alusões intertextuais em discursos de crítica social. A seleção do corpus considerou os seguintes critérios: (a) presença de elementos intertextuais explícitos ou implícitos; (b) pertinência temática; e (c) potencial para análise à luz das intertextualidades estritas e amplas.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, foram adotados os seguintes procedimentos: a) Identificação e descrição das charges, observando os elementos verbais e visuais; b) Análise das relações intertextuais presentes, com base na classificação proposta por Carvalho (2018), que distingue intertextualidades estritas (citação, paráfrase, alusão estrita, paródia, transposição) e amplas (alusão ampla, imitação de estilo e de parâmetros de gênero); c) Interpretação dos efeitos de sentido produzidos pelas relações intertextuais, considerando o contexto de produção e circulação das charges.

A análise das charges foi realizada de forma articulada aos fundamentos teóricos da Linguística Textual, com destaque para a noção de texto, a construção de sentidos implícitos e o papel da memória discursiva no reconhecimento das referências intertextuais. A seção seguinte apresenta a análise das charges à luz dos procedimentos aqui descritos.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, foram analisadas quatro charges do cartunista Jean Galvão, publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*, com ênfase nas relações intertextuais mobilizadas e nos efeitos de sentido gerados a partir dessas referências. A análise considerou os elementos verbais e visuais presentes em cada charge, articulando-os ao contexto de produção e às categorias de intertextualidade propostas por Carvalho (2018) e Cavalcante (2021).

Vejamos a primeira charge (Figura 2):

Figura 2 – Charge sobre evasão escolar



Fonte: UOL (2024)¹.

A charge da Figura 2 foi publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em meio a debates nacionais sobre a alta taxa de evasão escolar no Brasil, intensificada no período pós-pandemia de COVID-19. Diversos relatórios do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) alertaram para o agravamento da exclusão educacional, especialmente entre adolescentes da rede pública. Nesse contexto, a charge de Jean Galvão insere-se como comentário crítico e reflexivo sobre a ausência

¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/cartum.shtml?https://cartum.folha.uol.com.br/charges/>. Acesso em: 04 dez. 2024.

de estudantes nas salas de aula e a ineficiência das políticas educacionais no combate à evasão.

A imagem mostra uma sala de aula quase vazia, com carteiras organizadas, mas com poucos estudantes. No centro, a professora está em pé, ao lado do quadro negro. No primeiro quadrinho observa-se o título de uma notícia sobre evasão escolar (Brasil tem 9,6 milhões de jovens sem estudar); em seguida, no segundo quadrinho, a professora comenta que iria propor um trabalho em grupo mas sua frustração se intensifica e confirma o texto verbal do primeiro quadrinho quando, no terceiro quadro, a cena ampliada da sala de aula mostra que a quantidade de alunos é mínima. A ausência física dos alunos, aliada ao uso do título da notícia e às informações visuais da charge, ativam no leitor um reconhecimento imediato da cena e da denúncia implícita. Os enunciados na charge operam na construção de sentidos juntamente com as outras linguagens ali presentes.

A charge da Figura 2 mobiliza uma **intertextualidade estrita**, conforme a classificação proposta por Carvalho (2018). Há uma **citação** direta ou literal a um texto-fonte específico, amplamente divulgado e compartilhado na mídia jornalística. O efeito depende do reconhecimento dessa estratégia discursiva do autor e do conhecimento prévio do leitor sobre o problema em pauta.

O principal efeito de sentido produzido é a crítica irônica à realidade educacional brasileira. Ao apresentar a ausência dos alunos como fato visual e associar isso ao procedimento tradicional de “trabalho em grupo” que pressupõe a presença de alunos em sala de aula, a charge constrói um jogo de significação em que o vazio da sala se torna a denúncia. A citação recuperada no primeiro quadrinho ganha valor simbólico: mais do que uma informação jornalística, é um questionamento coletivo sobre o fracasso das políticas públicas em garantir a permanência escolar. Dessa forma, a charge articula humor e intertextualidade como recursos de denúncia social, convocando o leitor a refletir criticamente sobre o cenário da educação no país.

A segunda charge a ser analisada (Figura 3) foi publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em um momento em que o uso da inteligência artificial na educação pública passou a ser objeto de debates intensos no Brasil, especialmente no estado de São Paulo. Nesse contexto, a adoção de tecnologias como o ChatGPT em processos educacionais gerou questionamentos sobre a qualidade, neutralidade e intencionalidade dos conteúdos gerados, além de suscitar reflexões sobre o papel do professor e a mediação humana no ensino.

Figura 3 – Charge sobre IA nas escolas de São Paulo



Fonte: Folha de São Paulo (2024)².

A imagem é composta por três quadros. No primeiro, um personagem, que aparenta ser um assessor, entrega ao governador uma folha e diz: “Governador, eis a primeira aula criada pelo ChatGPT. Veja o tópico sobre o Estado de São Paulo!”. No segundo quadro, vê-se a folha com o rosto do ator Tarcísio Meira estampado sob o título “Governador Tarcísio”. No terceiro, o governador, ao ver o material, exclama satisfeito: “Uau! Ele é bom!”. A articulação entre o texto verbal e a imagem evidencia uma situação de aprovação acrítica de um conteúdo gerado por IA, cujo foco não é exatamente educativo, mas irônico à figura política representada.

A charge mobiliza uma **intertextualidade ampla**, conforme a classificação proposta por Carvalho (2018). O texto remete implicitamente ao debate público contemporâneo sobre o uso de inteligência artificial na produção de conteúdos educacionais, simulando um episódio possível, mas não real, e explorando o risco de instrumentalização ideológica do ensino. A alusão a discursos e práticas políticas recentes confere à charge um caráter de crítica indireta, característica da **alusão ampla**.

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/cartum.shtml?https://cartum.folha.uol.com.br/charges/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

O principal efeito de sentido produzido é a ironia crítica diante da possibilidade de que a IA, ao invés de promover a ampliação do acesso ao conhecimento, promova um desserviço com suas alucinações, uma vez que na figura representada no quadro 2 percebemos que a IA “alucinou³” ao trocar a imagem do governador Tarcísio pelo ator Tarcísio, e ainda levanta a crítica sobre autopromoção política. Dessa forma, a charge questiona a falta de critérios pedagógicos e éticos na implementação de tecnologias educacionais e alerta para o risco de manipulação ideológica por meio de ferramentas automatizadas. O humor, nesse caso, atua como um recurso de denúncia sutil, exigindo do leitor um olhar atento à complexidade das relações entre educação, política e tecnologia. Vejamos agora o próximo exemplar (Figura 4).

Figura 4 – Charge sobre enchentes no Rio Grande do Sul



Fonte: UOL (2024)⁴.

A charge da Figura 4 foi publicada no jornal *Folha de S.Paulo* em um contexto de intensas tragédias ambientais que marcaram o Brasil em 2024, especialmente no

³ A expressão se refere ao fenômeno de "alucinação da IA", isto é, quando o modelo gera informações falsas ou incorretas como se fossem verdadeiras, mesmo que com aparência lógica ou confiável. Fonte: LEMOS, André Luiz Martins. Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: tipologia, premissas e epistemologia da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 1, p. 75–91, 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p75-91. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matriz/es/article/view/210892>. Acesso em: 17 jul. 2025.

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/cartum.shtml?https://cartum.folha.uol.com.br/charges/>. Acesso em: 04 dez. 2024.

sul do país, com enchentes severas que afetaram milhares de famílias. As discussões públicas giravam em torno da crise climática, da falta de políticas preventivas e de resposta emergencial inadequada por parte das autoridades. Nesse cenário, Jean Galvão elabora uma crítica pungente por meio do humor sutil e do simbolismo visual.

A imagem mostra uma família abrigada no telhado de uma casa, completamente cercada pela água. A composição visual transmite uma sensação de desespero e abandono. Uma das personagens, aparentemente um pai, tenta consolar os demais dizendo: “Não chora, vai alagar ainda mais...”, a ironia está na tentativa de conter o choro de alguém que está prestes a perder tudo, como se o choro fosse responsável por aumentar o nível da enchente. O exagero contido na fala carrega um forte efeito de crítica ao estado de calamidade que se agrava diante da inércia do poder público.

A charge mobiliza uma **intertextualidade ampla**, nos termos de Carvalho (2018), por fazer alusão a um evento social amplamente conhecido, as enchentes, sem recorrer a uma fonte específica de citação textual. A força da intertextualidade se dá na ativação da memória discursiva do leitor, que reconhece na cena um episódio recorrente da realidade brasileira, especialmente em regiões vulneráveis e em períodos de chuvas intensas. A imagem não depende de uma notícia ou dado específico, mas convoca o leitor a associá-la diretamente aos acontecimentos recentes.

O principal efeito de sentido gerado pela charge é a crítica à naturalização da tragédia. A fala “vai alagar ainda mais” expõe, com sarcasmo, a desesperança diante da repetição dos desastres e da ausência de medidas estruturais. Ao colocar o choro como algo que agrava a situação, o cartunista inverte a lógica comum e evidencia o absurdo de culpar o sofrimento das vítimas pela situação que enfrentam. Assim, a charge atua como denúncia do descaso institucional e da precariedade das políticas ambientais e urbanas. O humor, aqui, é amargo e reflexivo, despertando empatia e indignação no leitor.

A Figura 4 foi também alvo de muita polêmica por parte dos leitores do jornal a *Folha de S.Paulo*, que interpretaram a imagem como um deboche em relação à situação das famílias desabrigadas no RS. Diante da repercussão negativa, o autor precisou se manifestar em seu perfil no Instagram, explicando detalhadamente o conteúdo da charge. A seguir, apresentamos sua fala:

Sobre a Charge do RS

A você que foi ofendido pela charge que publiquei na Folha sobre a situação no Rio Grande do Sul, peço desculpas. Entendo sua genuína indignação.

A charge não teve o efeito que eu pretendia, isso significa que em alguma medida, falhei na comunicação do desenho.

Vou explicar em detalhes nas telas seguintes. Se você não quiser arrastar para o lado e ficar só nesta tela, mais uma vez, minhas sinceras desculpas.

Geralmente nós, cartunistas, não gostamos de explicar a própria charge.

Quero fazer o contrário aqui, explicando: Charge não se resume a piara, charge não é deboche, não é meme. A natureza primeira da charge é

provocar reflexão. Para isso, na maioria das vezes, usamos o humor, mas nem sempre é o caso. A charge em questão é séria e triste. Uma família

desabrigada, sobre o teto de sua casa alagada. A mãe cuida das crianças e olha para o céu, assim como o pai que procura ajuda. Duas crianças

observam o rio de lama. A menina cochicha para o irmão, não querendo ser ouvida por mais ninguém. “Não chora, vai alagar ainda mais.”

As expressões dos pais são sérias e as das crianças tristes. Aqui dou voz à inocência da menina, que entende que cada gota a mais que cai do céu fará

o nível da água subir até uma gota de lágrima.

Ao mesmo tempo, tentei mostrar que se esse choro pudesse ser medido as lágrimas dela seriam muito mais volumosas do que qualquer quantidade de

chuva que caiu sobre o Rio Grande do Sul, tamanha dor que estão passando. Encerro com um apelo para que juntos podemos oferecer apoio às famílias

afetadas por meio de doações e solidariedade (Galvão, 2024).

Podemos notar pela fala do cartunista, o quão importante é que o leitor esteja atualizado sobre os fatos evidenciados pela charge, bem como sobre a finalidade do gênero charge. Também revela como a interpretação do gênero requer conhecimento prévio do contexto e a articulação entre linguagem verbal e não verbal, reconhecendo o caráter crítico e social desse tipo de produção.

Vejamos agora o nosso último exemplar de análise na Figura 5:

Figura 5 – Charge sobre o Oscar



Fonte: Folha de São Paulo (2025)⁵.

Publicada no contexto da repercussão mundial da premiação do Oscar 2025, a charge de Jean Galvão traz a atriz brasileira **Fernanda Torres** erguendo o troféu do Oscar. Ao lado dela, aparece o **diretor do longa-metragem vencedor**, celebrando o feito. Ambos sorriem e posam com a estatueta dourada do Oscar. A charge opera, simultaneamente, com duas categorias de intertextualidade propostas por Carvalho (2018): uma **estrita** e outra **ampla**. A porção verbal **“Agora estou aqui”** constitui uma **paródia**, ou seja, uma **transformação** de um texto-fonte reconhecível: o título do filme *Ainda estou aqui* (2021), estrelado pela atriz. O jogo linguístico altera apenas o advérbio temporal (“ainda” → “agora”), produzindo um **efeito semântico contrário**, que marca o momento de ascensão, presença e reconhecimento da personagem da charge. Trata-se de uma estratégia intertextual **estrita** (Carvalho, 2018), já que é possível identificar o texto-fonte original, ainda que adaptado para fins irônicos.

Simultaneamente, a charge mobiliza uma **alusão ampla**, tipo de intertextualidade **ampla** (Carvalho, 2018), ao trazer para o primeiro plano a atriz e o troféu, para a consagração internacional (Oscar). A cena sugere um destaque de lugares sociais e de prestígio: agora é a atriz quem ocupa o lugar de destaque no cinema internacional.

As análises desenvolvidas ao longo desta seção evidenciam que as charges de Jean Galvão operam como textos multissemióticos densos em significação, capazes de ativar a memória discursiva do leitor e de articular elementos verbais e visuais em torno de críticas sociais, políticas e culturais. A partir da perspectiva teórica proposta por Carvalho (2018), foi possível identificar diferentes manifestações de intertextualidade – ora estritas, como no uso parodístico do título de um filme; ora amplas, como nas alusões difusas a eventos noticiados ou situações recorrentes no imaginário social. O humor presente nas charges, por vezes irônico, não se reduz a um fim estético ou lúdico, mas funciona como estratégia crítica para questionar desigualdades, omissões e distorções nos discursos midiáticos e institucionais.

Ao tratar temas como evasão escolar, o uso de inteligência artificial na educação, os impactos das enchentes no sul do país e a representação brasileira em

⁵ Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/cartum.shtml?https://cartum.folha.uol.com.br/charges/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

premiações internacionais, as charges analisadas mobilizam mecanismos intertextuais que exigem do leitor uma competência interpretativa sensível às múltiplas camadas de sentido. A leitura eficaz desses textos depende do reconhecimento não apenas dos eventos evocados, mas também da função discursiva que o gênero charge desempenha na esfera pública: provocar reflexão, desnaturalizar discursos dominantes e tensionar relações de poder. Com isso, reafirma-se o papel da charge como prática discursiva relevante no espaço midiático contemporâneo e como objeto privilegiado para os estudos linguísticos e textuais voltados à compreensão crítica da linguagem e da sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como as relações intertextuais, tanto de natureza estrita quanto ampla, atuam na construção de sentidos nas charges do cartunista Jean Galvão, publicadas no jornal *Folha de S.Paulo*. Fundamentada em uma abordagem qualitativa e interpretativa, a investigação utilizou pressupostos da LT, especialmente os estudos sobre intertextualidade propostos por Carvalho (2018) e Cavalcante (2021), bem como reflexões teóricas sobre o gênero charge enquanto prática discursiva multimodal. O corpus foi composto por quatro charges selecionadas com base na presença de elementos intertextuais relevantes, os quais, em articulação com o humor e a crítica social, se mostraram essenciais para a produção de sentidos implícitos.

As análises permitiram identificar que as charges de Jean Galvão operam com diferentes graus de intertextualidade, evidenciando tanto a citação explícita de textos-fonte quanto a evocação ampla de discursos sociais e políticos que circulam na memória coletiva dos leitores. A intertextualidade estrita, como observado na paródia ao título de um filme, atua como estratégia de ressignificação irônica, enquanto a intertextualidade ampla ativa o reconhecimento de situações vividas e amplamente divulgadas pela mídia. Em ambos os casos, os efeitos de sentido produzidos apontam para uma crítica social refinada, que utiliza o humor como meio de problematizar desigualdades, contradições e omissões presentes no discurso público.

A metodologia adotada mostrou-se adequada para os propósitos da pesquisa, pois possibilitou uma leitura integrada dos elementos verbais e visuais das charges, evidenciando como o texto se constrói na articulação entre linguagem e contexto sociocultural. A abordagem teórico-analítica permitiu compreender de que modo as referências intertextuais, ao convocarem o repertório compartilhado do leitor, ampliam a força crítica do discurso e enriquecem a interpretação do gênero charge como um artefato semiótico complexo.

Reconhece-se, contudo, que o corpus analisado foi limitado, o que configura uma restrição importante para generalizações mais amplas. Estudos futuros poderão ampliar essa investigação, incorporando produções de outros cartunistas, diferentes contextos de circulação e categorias adicionais de análise intertextual. Tal ampliação poderá oferecer uma compreensão mais abrangente sobre o funcionamento

discursivo do humor gráfico e das múltiplas formas pelas quais a intertextualidade contribui para a criticidade do texto.

Ainda assim, os resultados obtidos nesta pesquisa trazem contribuições relevantes para três áreas específicas. Em primeiro lugar, no campo da Linguística Textual, evidencia-se a aplicabilidade da distinção entre intertextualidades estritas e amplas em gêneros multimodais, reafirmando a importância do leitor como co-construtor de sentidos. Em segundo lugar, no estudo do gênero charge, a pesquisa reforça sua função social de denúncia, apontando sua estrutura híbrida e seu potencial como prática de leitura crítica. Por fim, no âmbito dos estudos intertextuais, o trabalho colabora ao aplicar sistematicamente a tipologia de Carvalho (2018), permitindo aprofundar a compreensão dos mecanismos discursivos de derivação, alusão e copresença que permeiam a tessitura dos textos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, A. P. L. de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSTA, T. C. P.; SILVA, O. P. O gênero textual charge e a construção de sentidos. **Revista de Estudos Acadêmicos e de Letras**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 36-48, jul. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.30681/23588403v12i013648>. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/article/view/2554/pdf_44. Acesso em: 4 dez. 2024.
- DRUMOND, Z. **O pipoqueiro da esquina**. São Paulo: Círculo do Livro.
- FLORES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ulbra, 2002.
- GALVÃO, Jean. **Sobre a charge do RS**. [S. l.], 6 maio 2024. Instagram: @jeangalvao. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C6o3lKpRjTG/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading&img_index=1. Acesso em: 4 dez. 2024.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 4 reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- MATIAS, A. F.; MOURA, A. C. C.; MAIA, J. V. A intertextualidade e a ironia no gênero charge. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, ES, v. 7, n. 15, p. 241-263, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15854>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- MOUCO, M. A. T.; GREGÓRIO, M. R. **Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. Maringá: SEED/PR, 2007. (Cadernos PDE, v. 1).
- ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.
- SOUSA, I. S. Importância das charges para o desenvolvimento do pensamento crítico. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação-eREASE**, São Paulo v. 6, n. 12, dez. 2020. DOI: doi.org/10.29327/4429134. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/487>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- SOUSA, A. M.; SOUZA, G. N. Charge: análise e aplicabilidade do gênero no processo de leitura e produção textual. **Revista Tropos**, [s. l.], v. 5, n. 1, jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/447>. Acesso em: 4 dez. 2024.

UM BRASIL em charges. **Produzido por FecomercioSP**. São Paulo, 28 fev. 2018. 1 vídeo (40 min 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NrdyMCXbfgQ&t=45s> Acesso em: 4 dez. 2024.